

# SCIENTOLOGY É UMA RELIGIÃO?



Um Relatório de Pesquisa  
*do*  
DECANO M. KELLEY  
Conselheiro sobre Liberdade Religiosa  
Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos EUA  
junho 1966



# SCIENTOLOGY É UMA RELIGIÃO?





SCIENTOLOGY É UMA RELIGIÃO?

# ÍNDICE

Introdução	1
Secção I: Observações	2
Secção II: Conclusões em Tribunal	4
Secção III: Regulamento versus Religião	5
Secção IV: Uma Definição de Religião	9
Secção V: Sistema de Pensamento	10



Um Relatório de Pesquisa  
*do*  
DEAN M. KELLEY  
Conselheiro sobre Liberdade Religiosa  
Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos EUA  
junho de 1966

# SCIENTOLOGY É UMA RELIGIÃO?

## INTRODUÇÃO

A Igreja de Scientology da Califórnia encarregou o autor deste relatório de investigar a questão se Scientology é uma religião em sentido jurídico. O autor anuiu em levar a cabo esta tarefa (sem honorários) por meio de entrevistas com uma amostra representativa de aderentes da Igreja de Scientology em todo o país e em ocasiões e locais da sua própria escolha.

Em junho, julho e agosto de 1980 foram feitas entrevistas a 21 indivíduos selecionados ao acaso em instituições de Scientology em Sacramento, Califórnia, Albuquerque, Novo México, Washington, DC, e Clearwater, Florida. Cada entrevista procurou deduzir como o entrevistado entrou em contacto com Scientology, qual a sua relação presente com o movimento, qual a sua função na vida dele, e que diferença fez na sua compreensão de questões supremas da existência.

O propósito da entrevista não foi determinar o ensinamento ou os princípios de Scientology mas sim determinar o que Scientology estava a fazer pelo seguidor. A abordagem era semelhante à que foi visionada por um tribunal da Califórnia em *Fellowship of Humanity v. Alameda County* ao averiguar se essa organização não-teísta tinha direito a isenção de impostos sobre a sua propriedade, como uma «religião»:

Assim, a única questão em tal caso é o objetivo de saber se a crença ocupa ou não o mesmo lugar nas vidas dos seus possuidores que as crenças ortodoxas ocupam nas vidas dos crentes nas religiões maioritárias, e se um determinado grupo que reivindica a isenção se comporta da mesma maneira que se comportam os grupos admitidos como religiosos.

153 Cal.App.2d at 6920

As pessoas entrevistadas incluíram 13 homens e 8 mulheres, fazendo oito trabalho a tempo inteiro na igreja (clero?) e 13 a tempo parcial (laicado?). Alguns faziam parte do movimento apenas há um ano ou algo assim, enquanto outros já estavam no movimento há muitos

Nota: O autor foi executivo para liberdade religiosa do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos EUA (1960-1990) e Conselheiro sobre a Liberdade Religiosa (1990-). O autor toma total e exclusiva responsabilidade por este estudo e suas conclusões. Elas não devem ser atribuídas ao NCC ou a qualquer das denominações suas filiadas.

anos (até 18 ou 20). Embora as respostas variassem significativamente, na altura das últimas entrevistas já estava a surgir muito pouco material «novo», sendo a maior parte informação repetida e experiência já encontrada em entrevistas anteriores. Assim, de certa forma, tinha-se a sensação de ter explorado até um «ponto de saturação» os tipos de respostas suscitadas pelas perguntas que estavam a ser feitas.

O entrevistador tentou não «telegrafar» o objeto da entrevista mas fazer perguntas abertas sempre que possível, na sequência de termos e ideias mencionados pelos entrevistados, em vez de perguntas secas como numa entrevista programada. As perguntas não referiram «religião» até que os entrevistados o fizeram, mas em vez disso concentraram-se em «o que é que Scientology fez por ti».

## SECÇÃO I: OBSERVAÇÕES

Várias observações emergiram repetida, uniforme e evidentemente:

1. Scientology tornou-se muito importante nas vidas desses entrevistados. Ocupa um lugar muito central e aparentemente muito construtivo na forma como eles agora organizam as suas ideias, o seu trabalho e os seus planos de vida. Muitos deles entraram em Scientology a tempo inteiro (como staff = «clero»?), enquanto aqueles que não entraram, muitas vezes dedicam as suas férias ou licenças prolongadas das suas ocupações regulares a prosseguir com treino e aconselhamento de Scientology. Alguns têm entrado em atividades privadas de sociedade com outros Scientologists (um músico tocava numa banda cujos membros eram todos Scientologists!).
2. Scientology proporcionou a alguns um «caminho de saída» da dependência de drogas, alcoolismo, frustração, falta de perspetivas, depressão, ou uma sensação de futilidade — o que não é uma tarefa fácil. (Um jovem descreveu-se como tendo sido um «drogado» que dependia de crime para suportar a sua forte dependência de drogas, mas desistiu do crime, arranjou um emprego para pagar os seus cursos de Scientology e abandonou as drogas completamente. Várias outras pessoas relataram ter saído de drogas depois de lhes ter sido dito que não podiam continuar em Scientology se tomassem drogas.)
3. Um elemento central no efeito que Scientology teve sobre eles era a sua convicção de que são «seres espirituais» que têm uma existência independente do corpo ou da mente e que conseqüentemente não é preciso ter medo da morte, que é apenas «largar» o corpo atual, para ser substituído por outro corpo em devido tempo.
4. A atitude deles em relação a Scientology era em geral bastante utilitária: tinha «funcionado» para eles melhorando a sua capacidade de lidar com os problemas diários de relações interpessoais, comunicação, autoconsciência, etc. Mesmo os aspetos mais «espirituais» (palavra deles) eram vistos de forma pragmática: «Se não funciona para ti, esquece isso.» Só eram considerados verdadeiros os ensinamentos que provavam ser verdadeiros na experiência do próprio indivíduo, e alguns (ainda?) não tinham alcançado um nível de



descoberta «espiritual». (Um jovem comentou que tinha «ouvido falar» de reencarnação, mas não era uma coisa que ele achasse particularmente útil ou importante para si mesmo.)

5. O processo de «audição» (aconselhamento levado a cabo com o aconselhado segurando em cada mão um condutor ligado a um «E-Metro» (ponte de Wheatstone) que regista flutuações na condutividade elétrica da pele, que se acredita estarem ligadas ao assunto do aconselhamento) era muito central para a sua experiência de Scientology e vários descreveram-no como uma prática de «confissão». Pareciam sentir que isso era altamente terapêutico, e que a pessoa não conseguia enganar o E-Metro, assim tornando a audição superior a outras formas de aconselhamento.
6. Referências a «ética» surgiram frequentemente nas entrevistas, apesar de normalmente sem nenhum conteúdo muito bem definido ou convencional.
7. Referências a aspetos convencionalmente «religiosos» de Scientology — a capela, ordenação, fato de trabalho de escritório, símbolo tipo cruz, etc. — pareceram distintamente periféricas. («Ah sim, agora que falas nisso, nós temos Serviços Dominicais.»)
8. Referências ao Fundador, L. Ron Hubbard, eram frequentes e lisonjeiras, para não dizer «devotas»: fotografias dele estão em todo o lado, ele é o autor da maior parte do vasto compêndio de material que os Scientologists estudam, em todas as instalações de Scientology há, reservado para ele, um escritório vago mas bem equipado com o seu chapéu de «Comodoro» ornado a ouro em cima da secretária.
9. As referências a filiações religiosas anteriores dos entrevistados e a outras religiões eram normalmente respeitosas, e várias vezes foi afirmado que Scientology é compatível com outras religiões; ela simplesmente «aplica» aquilo que noutras religiões aparentemente se pensa ser apenas teórico. Alguns entrevistados disseram que ainda eram luteranos ou metodistas, mas evidentemente não de modo ativo. A maior parte descreveram-se mais como «Scientologists» do que aderentes de alguma (outra?) religião.
10. Muitos relataram que se tinham desagradado de religiões precedentes porque as suas questões não tinham sido respondidas de forma satisfatória. Tinham-lhes dito muitas vezes o que deviam acreditar mas eles não tinham experimentado diretamente as respostas às suas questões e por isso tinham continuado a «busca» até que se depararam com Scientology, onde não lhes davam respostas ou diziam o que acreditar, mas eram capacitados para descobrir respostas através da sua própria experiência, o que aparentemente satisfazia a sua necessidade. Referiram-se repetidamente à «Oitava Dinâmica», com menos frequência a «Deus» ou a um «Ser Supremo» com o qual se diz que a pessoa se relaciona na «Oitava Dinâmica», mas esclareciam que Scientology não fornecia uma definição de Deus ou um conteúdo específico para a «Oitava Dinâmica», deixando isso para o indivíduo descobrir.
11. Alguns relataram casamentos solenes de outros Scientologists ou os seus próprios casamentos solenes por «clero» de Scientology.

## SECÇÃO II: CONCLUSÕES EM TRIBUNAL

As observações acima podem ser vistas em relação a várias definições de «religião». Aqui serão usadas três. A primeira é a definição delineada no tribunal da Califórnia em *Fellowship of Humanity*. O tribunal escreveu:

A religião simplesmente inclui:

(1) uma crença, não necessariamente referente a poderes sobrenaturais; (2) um culto, que envolve uma associação gregária que expressa a crença abertamente, (3) um sistema de prática moral diretamente resultante da adesão à crença, e (4) uma organização dentro do culto concebida para observar os princípios da crença.

153 Cal.App.2d at 693 (1957) fornecida indentação

A. «*Uma crença, não necessariamente referente a poderes sobrenaturais.*» O tribunal não indica a que tipo de nível de crença se refere, mas tradicionalmente a religião tem lidado com questões «supremas», tais como o significado e propósito da vida, a natureza e o destino do universo, se a vida continua depois da morte, etc. Scientology providencia uma estrutura conceptual elaborada dentro da qual alguns destes tipos de perguntas parecem obter resposta. Embora nem todos sejam abordados explicitamente, a ansiedade dos aderentes em relação a eles parece ter acalmado. No entanto, Scientology lida muito explicitamente com a questão da morte, e de certo modo da mesma maneira que o neoplatonismo e a ciência cristã (negando a realidade ou importância do corpo) e algumas tradições orientais (reencarnação em corpos sucessivos). Como algumas outras religiões (budismo, confucionismo, taoismo), não contempla duas ordens ou níveis de existência, natural e sobrenatural, mas apenas um. Não fornece uma compreensão concetual detalhada de conteúdo para a «Oitava Dinâmica» ou o «Ser Supremo», mas deixa um lugar para ela, ao contrário de alguns corpos caracterizados por tribunais como religiões (*Fellowship of Humanity*, *Washington Ethical Society* [249 F.2d 127], *Ethical Culture* e *Secular Humanism* [*Torcaso v. Watkins*, nota de rodapé, 367 US. 488]).

B. «*Um culto, que envolve uma associação gregária que expressa a crença abertamente.*» O que se quer dizer aqui com "culto"? O *Oxford English Dictionary* define «culto» como:

1. adoração — 1683.

2. uma forma particular de adoração religiosa, esp. em referência aos seus ritos externos e cerimónias — 1679.

Não se realiza nenhuma presunção de culto, no sentido judaico-cristão, na Igreja de Scientology. Há uma capela em cada uma das instalações de Scientology onde alguns Scientologists se reúnem no Domingo para uma conferência ou para ouvir palestras gravadas sobre um assunto específico. Os entrevistados não pareceram pensar que esta prática tivesse grande importância no esquema das coisas de Scientology ou que aí ocorresse adoração convencional.

A totalidade de Scientology, no entanto, é uma «associação gregária que expressa a crença,» e várias reuniões sociais (incluindo os serviços na capela) são atividades «gregárias» (em oposição a individuais ou de um para um). Estes acontecimentos são explicitamente caracterizados como de «Terceira Dinâmica» (vida de grupo).

- C. «*Um sistema de prática moral diretamente resultante da adesão à crença.*» Scientology tem um corpo extenso de literatura sobre «ética» — o que parece ser aquilo a que o tribunal se refere quando fala em «prática» moral. Até tem «oficiais de ética» para aconselhar aderentes que podem ter-se desviado dos padrões éticos promulgados pelo grupo. (Ao contrário do argumento do tribunal, há religiões geralmente reconhecidas — animismo, algumas formas do hinduísmo, etc. — que não têm uma dimensão ética, embora normalmente apresentem um sistema (não-ético) de conduta ou ação para os crentes de natureza ritual ou propiciatória.)
- D. «*Uma organização dentro do culto, concebida para observar os princípios da crença.*» Scientology não é nada se não for uma vasta e elaborada «organização... concebida para observar os princípios da crença.» (Se «culto» significa «adorar», é difícil ver o que pode significar «dentro do culto».) Cada instalação de Scientology tem um grande mapa de parede, que lista coluna após coluna, gabinetes ou funções, com staff de dia e staff de noite em alguns casos. (Podem não estar preenchidas todas as posições num dado momento, mas a maioria delas parece estar a maior parte do tempo.) Essa organização enorme e comprimida existe para realizar o trabalho de Scientology, que consiste essencialmente em recrutar e treinar aderentes na prática de Scientology. Se essa prática é «religião» ou não, não é determinado no entanto, por ter ou não uma organização para a realizar, mas sim pelo que é a prática em si e por que tipo de crenças ela observa ou promulga, e isso é tratado no ponto A acima.

A definição de «religião» usada tão «simplesmente» pelo tribunal em *Fellowship of Humanity* não é totalmente conclusiva para os nossos propósitos, pois inclui alguns elementos (adoração, ética) não encontrados universalmente entre as religiões reconhecidas, e não é inteiramente clara ou internamente constante no seu uso de termos: «Culto» em (2) é o mesmo que «culto» em (4)? Como é que uma «associação gregária» (2) é diferente de «uma organização dentro do culto» (4)? A definição não especifica que tipo de «crença» é religioso, distinto do filosófico, ético, psicológico, político ou tecnológico, por isso uma maior clarificação parece ser necessária.

### SECÇÃO III: REGULAMENTO VERSUS RELIGIÃO

Diz-se que o Serviço de Rendimento Interno usa uma descrição de religião múltipla (13 questões) que nunca foi oficialmente formalizada como um regulamento. Contém 13 marcas, traços ou critérios, que o Serviço de Rendimento Interno generosamente diz que não precisam de ser todos satisfeitos para identificar uma «religião.» (Fonte: Bruce Hopkins, *The Law of Tax-Exempt Organizations* 134 [3.<sup>a</sup> Ed. 1979].)

1. «*Uma existência jurídica distinta.*» A Igreja de Scientology está formalmente constituída em muitas jurisdições nos Estados Unidos da América e noutros lugares. (Algumas religiões ou igrejas reconhecidas não estão, tal como a Igreja Episcopal ou a Igreja Metodista Unida, pelo menos a nível nacional.)
2. «*Um credo e forma de culto reconhecido.*» A Igreja de Scientology tem um credo formal que pode ser visto afixado nas suas instalações. Tal como indicado acima, não tem nem finge ter uma forma de adoração do modelo judaico-cristão.
3. «*Um governo eclesiástico claro e distinto.*» Como mencionei antes, a Igreja de Scientology tem um sistema de organização e governação elaborado, local, nacional e internacional, mas se é «eclesiástico» depende de a organização ser «religiosa».
4. «*Um código formal de doutrina e disciplina.*» Excetuando o código de direito canónico da Igreja Católica Romana, raramente houve um corpo de «doutrina e disciplina» tão volumoso como as diretivas oficiais e manuais de Scientology. Se é «doutrina e disciplina» no sentido pretendido pelo Serviço de Renda Interna, depende mais uma vez de o conteúdo ser «religioso».
5. «*Uma história religiosa distinta.*» Este critério também é circular. Scientology tem uma história razoavelmente «distinta», que abrange o seu desenvolvimento desde o começo, no início da década de 1950, mas se isto constitui uma história «religiosa» depende de ser uma «religião».
6. «*Uma filiação que não está associada a nenhuma outra igreja ou denominação.*» Este traço de exclusividade é característico da maior parte das religiões ocidentais em tempos recentes, mas não das religiões do «mistério» de Roma, c. 200 A.C.–200 D.C.; a pessoa podia ser devoto de Mitra, de Ísis e Osíris e de Dionísio todos ao mesmo tempo. Exclusividade mútua também não é característica de algumas religiões orientais. Scientology não afirma ser o «único e exclusivo» modo de crença, como a maior parte das fés ocidentais modernas afirmam, mas na realidade ela parece ocupar a atenção do crente, impedir grande interesse por outros sistemas de crença religiosa, e satisfazer ou acalmar as necessidades religiosas e interesses dos seus aderentes.
7. «*Uma organização completa de ministros ordenados que servem as suas congregações e selecionados após completar cursos de estudo prescritos.*» Se há alguma coisa que Scientology tem em abundância, isso é «ministros ordenados» que completaram «cursos de estudo prescritos». A proporção de «staff» ou praticantes a tempo inteiro para «laicado (?)» ou praticantes a tempo parcial é invulgarmente alta, tendo uma «missão» vários membros de staff, uma «igreja» dúzias, e um centro importante como Los Angeles ou Clearwater, centenas. A essência de Scientology é «cursos de estudo prescritos», incluindo um «curso de ministro» exigido a todos os que procuram qualificar-se como auditores. A frase «que servem as suas congregações» é mais difícil de aplicar, visto que não existe uma relação individual entre um ministro e uma congregação de Scientology que existe na maioria das

denominações protestantes. O padrão é mais como uma paróquia católica romana, com vários padres e freiras a atender coletivamente centenas ou milhares de paroquianos. (Por outro lado, várias religiões reconhecidas, tais como os quakers tradicionais e a Church of Christ, Scientist, não têm «ministros» nenhuns, e várias não requerem «cursos de estudo prescritos» para os seus pregadores.)

8. «*Uma literatura própria.*» Algumas religiões não têm este atributo. Scientology tem. Tem suficiente «literatura própria» para as abastecer todas duas vezes — se é literatura «religiosa».
9. «*Lugares de adoração estabelecidos.*» Há muitas instalações de Scientology estabelecidas em todo o país. Elas não são «lugares de culto» segundo a compreensão convencional. Se elas são no entanto lugares de prática religiosa, depende de se Scientology é uma religião.
10. «*Congregações regulares.*» Scientology dispõe de centros para os quais se dirige continuamente uma clientela bastante estável para receber os serviços que Scientology proporciona, principalmente cursos e aconselhamento. Não tem muitos ajuntamentos coletivos nos quais se espera a presença de todos ou da maioria dos constituintes para atividades coletivas. Aqueles que se inscrevem para cursos em Scientology assinam um formulário que descreve o candidato como «Membro de uma Igreja de Scientology Internacional», e são mantidos registos de todos esses candidatos inscritos/membros, a maioria dos quais progride durante períodos de tempo mais longos ou mais curtos através dos aparentemente inesgotáveis níveis de audição e treino chamados «a Ponte», cujos níveis mais elevados só podem ser alcançados em Los Angeles e alguns outros centros, e o mais alto só em Clearwater, Florida, a sede da igreja no hemisfério ocidental.

Assim pode-se dizer que cada centro de Scientology tem uma frequência bastante estável e contínua, semelhante nas suas adesões, deserções, duração e degradação às «congregações regulares» de religiões mais convencionais. Se eles *são* o equivalente a congregações convencionais depende de novo se Scientology é uma religião.

11. «*Serviços religiosos regulares.*» Tal como mencionado anteriormente, Scientology tem Serviços Dominicais bastante regulares, ou foi isso que os entrevistados relataram. Embora não sejam caracterizados como «culto» podem ser considerados como «serviços religiosos regulares» — se Scientology é uma religião. Os serviços de capela e as capelas — como o fato de trabalho de escritório, o símbolo modificado de uma cruz, os títulos e terminologia eclesiástica — parecem copiados das formas prevalecentes e convencionais do cristianismo mais do que fruto da própria Scientology.<sup>1</sup> Mas então, muitas religiões novas inspiram-se

---

1. Muito mais autêntico para a sua própria história é o simbolismo que permeia a organização, supostamente uma sobrevivência dos anos de L. Ron Hubbard no mar com seus discípulos mais próximos. Esta nostalgia de bordo é perpetuada na afiliação de elite chamada «Organização do Mar», cujos membros usam uniformes quase náuticos quando fazem o seu trabalho e ocupam os mais altos escalões de liderança na Igreja (um pouco à semelhança do que as ordens monásticas fizeram em certos períodos na Igreja Católica Romana). Todos os membros da «Organização do Mar» assinaram um contrato de «mil milhões de anos» para servir Scientology através de vidas consecutivas. Isso pode ser apenas uma declaração simbólica, mas é único de Scientology e empresta uma dimensão trans-temporal que não se encontra em organizações não-religiosas. Até mesmo outras tradições religiosas que visionam alguma forma de reencarnação e cultivam compromissos vitalícios a tempo inteiro das suas elites mais dedicadas não projetam esse compromisso através de milénios.

nas mais antigas para obter «coloração protetora». Os batistas e os quakers vieram a alcançar reconhecimento como religiões sem recorrer a símbolos religiosos convencionais do seu tempo e sem benefício de clero, mas elas suportaram perseguição severa no processo. As novas religiões não deviam ter a imitar o aparato das antigas para sobreviver e ser aceites nos seus próprios termos. Em qualquer caso, estes elementos simbólicos não desempenharam nenhum papel na determinação das minhas conclusões sobre se Scientology é uma religião.

12. «*Escolas dominicais para instrução religiosa dos jovens.*» A evidência neste ponto é escassa e contraditória. Alguns informadores disseram que Scientology não tem tais escolas para «instrução religiosa dos jovens», enquanto pelo menos uma pessoa disse que existem tais escolas e que ele tinha mandado os seus filhos para uma em Detroit. Há algumas religiões que se dirigem exclusivamente a adultos e assim não têm tais escolas. O critério é também circular, visto que se a instrução dada em tais escolas (se é que existem) é «instrução religiosa» depende da questão prévia se Scientology é uma religião.
13. «*Escolas para a preparação dos seus ministros.*» Scientology é em si uma vasta e infinitamente graduada «escola para a preparação dos seus ministros», se se admitir que os funcionários assim produzidos são «ministros», o que automaticamente põe a questão se eles ministram uma religião.

A maior parte das evidências precedentes não são conclusivas, mas assentam exatamente na questão em causa: o que é uma «religião»? A definição em *Fellowship of Humanity* não foi adotada por outros tribunais, embora o Supremo Tribunal dos EUA possa ter seguido o seu método e ter-se inspirado nos seus resultados ao reconhecer «religião», não pelo seu conteúdo ou estrutura, mas pela sua função. (Ver *U.S. v Seeger*, 380 U.S. 163 [1965], *Welsh v. U.S.*, 398 U.S. 333 [1970], *Torcaso v. Watkins*, 376 U.S. 488 [1961].)

Os critérios do Serviço de Rendimento Interno são não só circulares mas altamente convencionais. Eles foram elaborados para o louvável propósito de peneirar «ministérios de venda pelo correio» designados como abrigos para fuga aos impostos, mas como um comentador escreveu:

Estes critérios tendem a exigir que uma organização seja uma denominação desenvolvida de acordo com o padrão refletido nas igrejas principais mais aceites. Eles não reconhecem o desvio substancial desta estrutura entre uma quantidade de organizações religiosas que há muito são reconhecidas como igrejas americanas...Cristo e o seu grupo de discípulos certamente não satisfaziam estes critérios... talvez nunca seja sensato definir uma religião com base no sua estado de desenvolvimento, visto que o seu estado inicial não é apenas muito fluido, mas é geralmente o mais delicado e importante. É então precisamente nesta fase larval que uma determinada religião precisa de ter o benefício de proteções religiosas.

— Worthing, Sharon, «“Religion” and “Religious Institutions” Under the First Amendment» in 7:2 *Pepperdine Law Review* 344–345

## SECÇÃO IV: UMA DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO

Até agora a jurisprudência dos Estados Unidos sobrevive há mais de 200 anos sem uma definição oficial de religião, e é de esperar que nenhum tribunal ou órgão governamental alguma vez se sinta obrigado a compor uma, uma vez que isso tenderia a obrigar todas as religiões emergentes a adaptar-se à sua cama de Procusto. Todavia, se «religião» é para ser uma categoria preferida do direito civil, como foi — feliz e sabiamente — concebida para ser pelos autores da Primeira Emenda da Constituição, esse termo terá de ser aplicado pelo magistrado civil para incluir ou excluir os requerentes dos seus benefícios — por modestos que sejam.

O termo «religião» não precisou de ser definido na Primeira Emenda, visto que toda a gente sabia em geral a que se referia. Mesmo hoje há pouca perplexidade acerca do que é «religião» em 95 por cento dos casos. O que causa as perplexidades são as questões demarcantes relativas a religiões ou grupos novos e pouco convencionais que afirmam ser religiões. Nestes casos o magistrado civil pode recorrer a semelhanças com corpos já reconhecidos como religiosos, mas já vimos acima como essa tarefa pode ser difícil. E até que ponto tem de ser a semelhança? Que elementos de semelhança são essenciais e quais são opcionais? E em que evidências e fontes é que o magistrado deve confiar para fazer uma determinação?

O Supremo Tribunal concluiu sabiamente que o magistrado não pode avaliar a veracidade ou falsidade das crenças do requerente (*U.S. v. Ballard*, 322 U.S. 78 [1944]), nem se elas são teístas (*Torcaso, Seeger e Welsh*, citações *supra*), nem sequer indagar sobre o conteúdo de doutrinas e princípios (*Igreja Presbiteriana v. Mary Elizabeth Blue Hull Memorial Presbyterian Church*, 393 U.S. 440 [1969]). Talvez um escrutínio um pouco mais penetrante possa ser levado a cabo à entrada, antes de um grupo ser reconhecido como uma religião, mas mesmo aqui o magistrado é limitado na profundidade a que pode penetrar (cf. *Ballard*). O tribunal não pode especificar que *conteúdo* ou que *estrutura* um grupo deve apresentar para ser considerado «religioso», nem, dentro de certos limites amplos, que *conduta* desqualificará um grupo. (Os casos Mormon, em que a Corporação da Igreja de Santos dos Últimos Dias foi dissolvida porque ensinava e praticava poligamia) (1890), alcançaram resultados que os tribunais provavelmente não alcançariam hoje, mas mesmo essas medidas drásticas não afirmaram que o mormonismo não era uma *religião*, só que o ensinamento do casamento plural podia ser proibido.)<sup>2</sup>

O que os tribunais podem fazer — e fizeram em *Seeger e Welsh* — é examinar a *função* de religião para ver se «ocupa na vida do seu possuidor um lugar paralelo ao preenchido pelo Deus daqueles que admitidamente se qualificam para a isenção» (*Seeger v. U.S.*, 30 U.S. 163). Para fazer isto, eles devem apoiar-se em provas fornecidas, não por estranhos ou desertores, mas pelas únicas testemunhas competentes em posição de saber se estão de facto a obter as consolações de religião da organização em questão: os consumidores atuais, os aderentes presentes do grupo que afirmam ser uma religião.

2. O Ato do Congresso de 1887 que desincorpora a Igreja Mormon e confiscou a sua propriedade para os Estados Unidos continha uma condição de «que nenhum edifício... que seja mantido e ocupado exclusivamente para fins de adoração a Deus... será confiscado.» *Late Corporation of the Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints v. U.S.*, 136 U.S. 1, 7 (1890).

Como é que o tribunal vai saber se o que eles estão a obter da organização são de facto as consolações de religião? Há uma quantidade considerável de literatura dedicada a definir ou descrever o que a religião oferece aos seres humanos e sociedades humanas, que vão desde Durkheim (*Formas Elementares da Vida Religiosa*) até Weber (*Sociologia de religião*). Infelizmente, os escritores eruditos sobre o tema da função de religião não concordam entre si quanto ao que é essa função. Mas os seus diferentes pontos de vista podem ser incluídos sob uma rubrica mais ampla: *Religião é aquela forma de atividade humana que fornece aos seus aderentes uma explicação do significado supremo da vida*. (Esta descrição é explicada com mais detalhe nos trabalhos precedentes do autor, *Why Conservative Churches Are Growing* [Porque é que as Igrejas Conservadoras Estão a Crescer], Harper & Row, 1972, 1977, pp. 37-41, e *Why Churches Should Not Pay Taxes* [Porque é que as Igrejas Não Devem Pagar Impostos], Harper & Row, 197, pp. 59-69.)

Há várias facetas subsidiárias nesta descrição que não devem ser negligenciadas.

- a. Ela presume que um grupo *reivindica* ser uma religião. Scientology fez certamente essa reivindicação.
- b. Uma organização que reivindique ser uma religião deve ter um corpo de *aderentes* com suficiente *continuidade* para ser identificável ao longo do tempo e em *números* suficientes para a apoiar por meio das suas contribuições voluntárias. Scientology tem certamente um tal corpo de aderentes.
- c. A organização que reivindique ser uma religião tem de oferecer alguma explicação do significado supremo da vida tal que satisfaça as necessidades dos seus aderentes. Essa é a pergunta crucial que precisou de entrevistas a uma amostra representativa dos consumidores da pretensa religião de Scientology. «Qual é a conclusão desse inquérito?»

## SECÇÃO V: SISTEMA DE PENSAMENTO

Scientology oferece um vasto e altamente elaborado sistema de pensamento que interpreta e explica vários aspetos da experiência humana. Na sua abordagem livresca, orientada para estudo do seu trabalho, é o novo escolasticismo, atraente para as pessoas que gostam de organizar, conceitualizar, sistematizar e intelectualizar a sua experiência. Não ensina um conceito específico de «Deus» ou «Ser Supremo», embora se refira bastante grandiosamente — e vagamente — a uma «Oitava Dinâmica», a mais alta de uma hierarquia de oito relações em que as pessoas podem investir as suas energias, mas dá pouca orientação ou explicação do modo como se deve proceder em relação a essa «dinâmica» ou do que se pode esperar encontrar ali.

Mas Scientology ensina muito clara e explicitamente — ou capacita os seus aderentes para descobrirem — que eles são «seres espirituais» que têm uma existência continuada para além da morte em corpos mortais sucessivos. Este ensinamento ou descoberta central, referido por quase todos os entrevistados como sua própria convicção, é por si só uma diferenciação



significativa de filosofias e psicologias não religiosas. É um conceito característico de várias religiões e virtualmente de nenhum sistema de pensamento que não seja religioso.

Mais precisamente, esta visão da realidade e as respetivas implicações parecem satisfazer a fome de significado supremo da maior parte dos aderentes. Vários entrevistados caracterizaram-se como «buscadores» que tinham experimentado uma religião após a outra e todas insatisfatórias até que encontraram Scientology e aí descobriram satisfação continuada. Como um deles disse: «Esses tipos de questões já não me incomodam.»

Embora não tenha uma resposta específica para todas as questões teológicas concebíveis (tal como algumas religiões reconhecidas), Scientology parece ter sido capaz de incutir nos seus devotos uma confiança de que a existência ocorre numa estrutura basicamente significativa e confiável na qual a atividade humana dotada de propósito é possível e eficaz.

No sentido de que alivia eficazmente (se não responde explicitamente) as ansiedades dos seus aderentes sobre o significado supremo da vida, Scientology é uma religião e funcionalmente muito eficaz. Dada a análise na Secção IV acima, esta é a única qualidade necessária e suficiente de uma religião, de todas as religiões, e de nenhuma outra forma de empreendimento humano. Nem todos os aderentes vieram para Scientology à procura deste produto ou serviço, e nem todos alcançaram este nível de compreensão, mas isso é verdade para todas as religiões. Nenhum dos entrevistados que anteriormente tinham sentido perplexidades religiosas relatou a continuação dessas perplexidades em Scientology. Pode haver algum que continue a estar perplexo, mas não o admitiu; é mais provável que as pessoas que ainda estavam descontentes se tivessem afastado de Scientology — como algumas fazem — e ainda andem a procurar noutro lugar. Que não contesta o facto de que Scientology pode desempenhar a função de religião para aqueles que permanecem.

Para além da conclusão final acima exposta acerca de Scientology, há outras pessoas que, embora elas próprias não sejam convincentes, ajudam a reforçar a conclusão de que Scientology é uma religião:

1. O carácter de «confissão» da «audição»,
2. O ensino (quer objetivamente verdadeiro ou não) de que os seres humanos são essencialmente bons,
3. A ênfase na ética em relações humanas,
4. A capacidade de recuperar as pessoas da dependência de drogas,
5. O solenização de casamentos por pessoal da igreja,
6. A ênfase em «ajudar os outros» de que resultam programas da igreja para os idosos, a oposição à terapia de electrochoque e lobotomia pré-frontal como técnicas de higiene mental, etc.

DECANO M. KELLEY

1980

*Atualizado em junho de 1996*

